

O Pessoal da Velha Guarda

Programa No. 5

Transcrito por Alexandre Dias



Catulo da Paixão Cearense

12-11-1947

([Collector's](#) AER024 Lado A)

Almirante: Boa noite, ouvintes de todo o Brasil! Boa noite fãs da Velha Guarda, e que esperam com impaciência estes programas das quartas-feiras. Trazemos hoje para comentar com vocês um assunto que tem andado muito em voga nesses últimos dias, e que diz respeito à música popular brasileira, essa música que nos traz em aflições tal o cuidado que temos para que ela não se desvirtue mais, não se postrofize mais, não se bolorize mais. Por proposta do nosso companheiro, o vereador Ary Barroso, na sua câmara, a música estrangeira deveria ser acrescida de um imposto que a tornasse de mais difícil aquisição em discos, o que viria a favorecer a nossa música, que então teria as suas gravações mais em conta. Não vamos entrar no âmago da questão, remetendo razões pró ou contra, e bem que seja claro que nós estaremos ao lado de qualquer medida que beneficie a nossa música. Vamos somente tirar do fato umas tristes conclusões que ele nos sugere. É que na realidade a nossa pobre música anda tão abandonada, tão desprestigiada, que até são necessárias medidas como essas para que ela não sucumba de vez. Se o nosso povo se interessasse mais pelas suas músicas e pelos seus autores, nunca ninguém iria

pensar em processos de defesa como que se anuncia. Mas a macaqueação é um fato incontestável. Entre o magnífico disco brasileiro, bem gravado, bem orquestrado, e bem cantado, e um swing ou bolero qualquer, o mal brasileiro, sem entender às vezes níquel do que ouve no disco, prefere o swing ou o bolero. Tudo por suabismo, por macaqueação, isso porque a garota de Copacabana fútil e desinteressada de sua terra deu de cantar em farrapos as palavras inglesas ou cubanas daquela música e o coió então compra o disco para aprender de orelhados versos pra depois mostrar que sabe mais do que ela. E estamos no Brasil...

Bem, mas vamos esquecer esses fatos lamentáveis e vamos nos refugiar na reconfortante brasilidade dessa meia hora entregue a Pixinguinha com seu saxofone! A Benedito Lacerda com sua lauta e seu regional! A Raul de Barros com seu bombardino e o Grupo de Chorões (os aplausos para o Raul são sempre mais calorosos, não sei por quê.). E a orquestra toda formada do Pessoal da Velha Guarda.

Escolhemos para abrir esta que é a 35ª audição do *Pessoal da Velha Guarda* uma polca-marcha, gênero que conforme já percebemos agrada à imensa maioria dos nossos ouvintes. Esta que vão ouvir tornou-se brasileira por popularidade e por suposição. Quando por aqui se divulgou, e isso seguramente há uns 50 anos, foi editada várias vezes. Algumas de suas edições não traziam nome de autor, daí o fato de muitos acreditarem ser ela brasileira. E o nome do autor, se tivesse se tornado sempre conhecido, todos saberiam logo que a polca seria italiana, de um tal Bonapos Cesare, chama-se ela “Imorete”, que significa o morrinho ou pequeno morro. Polca de tão grande popularidade no passado merece figurar nas audições da *Velha Guarda*. Eis porque vocês a irão apreciar agora. Reparem especialmente nos curiosos enfeites com que Pixinguinha adornou o seu arranjo fazendo ressaltar a extraordinária beleza da segunda e da terceira partes da grande polca.

Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “Imorete” (Bonapos Cesare)

Almirante: Poucas serão as músicas que pelo seu feitio, ou pelo seu título tenham tal expressividade como um conhecido choro de Pixinguinha chamado “Naquele Tempo”. Melodia tão evocadora como seu nome, o choro “Naquele Tempo” é uma das mais valiosas páginas que Pixinguinha já escreveu até hoje. Sua melodia nos transporta àqueles tempos em que ninguém sonhava com bombas atômicas, em que 30 km/h era velocidade de estarrecer, e em que a luta pela vida, pelo pão, pelo leite, pelo feijão, não sulcava as fisionomias com o rastro fundo que deixam as preocupações de hoje. O notável choro de Pixinguinha nunca foi executado neste programa. Vocês o conhecem de ouvi-lo tocado em outros programas. Até pelo próprio Benedito e pelo Pixinguinha e até em gravações. Agora porém que ele aparece aqui, e pode-se dizer por isso, em primeira audição na *Velha Guarda*, vocês irão ter uma nova sensação. O arranjo e a interpretação são especiais, são novos. E obedecem à intenção de ressaltar o saudosismo que despertam o título e a melodia deste formoso choro que é “Naquele Tempo” de Pixinguinha.

Benedito Lacerda, Pixinguinha e regional: “Naquele Tempo” (Pixinguinha)

Almirante: A célebre marchinha “A Jardineira” foi uma das muitas composições brasileiras que exploraram nos versos o assunto ‘flores’. Pertencente a um ciclo carnavalesco em que as flores faziam motivo central, “A Jardineira” punha em evidência somente a triste camélia. Milhares de outras composições, milhares de versos também que inspiraram nas flores e ficaram constituídos exemplos marcantes na poesia e na música de nossa terra. Um dos mais valiosos, entretanto, anda muito esquecido da gente dos nossos dias. Trate-se de uma lindíssima polca de Alfredo Dutra e recebeu uns maravilhosos versos de Catulo da Paixão Cearense e que se denominou “Tu Passaste por Este Jardim”. Prestem atenção na beleza da melodia e apreciem o curioso desenvolvimento dos versos que seguram o passeio do poeta por entre

os canteiros de um jardim onde cada flor lhe sugere uma comparação, cada perfume lhe recorda uma emoção, e cada cor lhe desperta uma saudade. Aqui está, amantes da Velha Guarda, a célebre polca de Alfredo Dutra e Catulo “Tu Passaste por Este Jardim”.

Gilberto Alves, Benedito Lacerda e Regional: **“Tu Passaste por Este Jardim”**(Alfredo Dutra/Catulo da Paixão Cearense)

Almirante: Algumas aves domésticas têm sido usadas insistentemente pelos compositores citadas pelos seus nomes ou mesmo contribuindo com efeitos sonoros que reproduzem em suas vozes, obrigando aos cantores a habilidades verdadeiramente zoológicas. Não é de hoje, entretanto, o sistema. Já há muitos anos, bem uns trinta, a música de maior sucesso nesse Rio de Janeiro era uma certa polca lançada pela orquestra [?] no falado clube dos políticos e que logo se divulgou por todo o Brasil. Seu nome era “Morro da Favela”. Mas o que lhe deu fama foram os versinhos anônimos desviados completamente do sentido do título. Os versinhos faziam alusão a uma ave doméstica que vocês saberão logo qual é, ou ouvindo a melodia da primeira parte, ou ao ouvir o breque que o Pixinguinha fez na segunda parte, e no qual vai aparecer uma imitação do tal bicho. Ao reconhecerem qual é a ave, muitos de vocês vão se lembra logo pelo menos da picaresca quadrilha que foi o que mais contribuiu para que a polca se espalhasse logo. Muitos de vocês vão rir por aí lembrando os versos, e tomara que ninguém, vendo vocês rindo, e percebendo neste ritmo a certeza de que você sabem a letra, tomara que ninguém venha pedir que você a recitem em voz alta. Atenção pois amigos, que aí vai uma música que marcou época no Brasil. A polca “Morro da Favela” de Passos, Bornel e Bernarbé.

Orquestra Pessoal da Velha Guarda: **“Morro da Favela”** (Passos, Borné e Bernabé)

Almirante: Curioso é quando certas músicas estrangeiras se aclimatam perfeitamente entre nós, chegando quase a perder sua nacionalidade tal maneira como o povo as adota. Algumas, por terem ficado ligadas a acontecimentos de nossa vida social, político ou histórica, entraram definitivamente para a coleção nacional, e hoje são citadas com a maior segurança como nossas, havendo mesmo quem as atribua a esse ou aquele autor brasileiro. Está nesse caso uma célebre valsa muito antiga e que já era conhecida por aqui em 1910 quando um acontecimento de grande influência na vida da cidade veio fazer com que ela recebesse versos em português, o que contribuiu para espalhar pelos tempos adiante a idéia de que a música também nascera sob estes céus. Em 1910, chega à Baía de Guanabara o imponente vaso de guerra que recebeu o nome de Minas Gerais. O povo, que naquele tempo se manifestava entusiasticamente quando era beneficiado com qualquer novidade do progresso, recebeu o [?] com festas e demonstrações de regozijo. A melhor prova da alegria de que todos se acharam possuídos, ficou numa paródia que o célebre palhaço negro, o Eduardo das Neves, fez para a valsa [?] e que não houve quem não soubesse e não cantasse então entusiasticamente como se aquilo fosse um hino ao vistoso barco. Com o tempo, sem saber que a paródia se referia ao couraçado, o povo a foi atribuindo ao grande estado montanhês, e a letra do estribilho foi simplificada entrando nela somente o nome de Minas Gerais repetido várias vezes. Mas a verdadeira letra, a da autoria de Eduardo das Neves e que exalta o vaso de guerra, é esta que vai ser recordada agora nesta passagem do Grupo dos Chorões. O auditório poderá fazer coro conosco, cantando essa página patriótica dos tempos em que o povo se orgulhava tanto de seus progressos materiais, e até os glorificando em suas cantigas populares.

Déo, Benedito Lacerda, Pixinguinha, Raul de Barros, Regional e coro do auditório: **“Oh! Minas Gerais”** (Eduardo das Neves)

Almirante: Vocês já ouviram dois pretos velhos conversando? Um assim com a voz mais aguda e áspera meio [?] expressando mais por meio de sons ininteligíveis do que por palavras claras, assim por exemplo: *nhec, nhec, nhec, nhec*, e o outro, com o mesmo processo de fala, mas aí de voz grave e bitonal cheia de inflexões cantantes assim *neg, neg, neg, neg*. Bem, reparem que a voz do primeiro preto fica bem imitada por estes sons que o Benedito vai tirar da sua flauta [o Benedito toca o tema do choro “Língua de Preto”]. E se a voz do segundo não fica a calhar nesses sons do saxofone do Pixingha [Pixinguinha faz umas graves saltitantes]. Bem, aqui está um choro em que ambos vão ter a oportunidade de dialogar à moda dos pretos velhos. O autor do choro, o saudoso pianista Onorino Lopes, quando escreveu, teve a intenção de que a música reproduzisse a fala caçante dos negros velhos tanto que lhe deu um título bem adequado: “Língua de Preto”. Vocês, ouvintes, agora entendam esta conversa de Benedito e Pixinguinha falando em “Língua de Preto”.

Pixinguinha, Benedito Lacerda e regional: **“Língua de Preto”** (Onorino Lopes)